

O corpo sob escrutínio: múltiplos olhares

Daniele Ribeiro Fortuna

Maria Aparecida Rodrigues Fontes

Shirley de Souza Gomes Carreira

O corpo sempre foi alvo de observação, bem como lócus de inscrição de múltiplos olhares sobre as subjetividades. Contemporaneamente, o corpo tornou-se também a arena onde se entrecruzam os discursos da pós-modernidade e também se institui a indecidibilidade.

Conforme Michaud (2009, p. 552), “(...) nossos corpos não têm mais exatamente os contornos de antigamente. Já não sabemos muito bem quais são seus limites, o que é possível ou lícito, o que pode ser mudado no corpo sem que mudemos de identidade ou não.”

De certo modo, as transformações do corpo sempre estiveram intimamente relacionadas ao advento de novas tecnologias, hoje centrais para a condição pós-antropocêntrica e para as interconexões entre o humano e o Outro maquínico. As técnicas fotográficas, por exemplo, passaram a mostrar o sujeito em fragmentos, isolando os detalhes do corpo. O cinema, por sua vez, instituiu a “decomposição mecânica dos movimentos”, explorando a “pose e a encenação elaboradas” (MICHAUD, 2009, p. 543-545). Os avanços da medicina também vêm contribuindo para essas transformações, possibilitando não apenas a exploração interna dos corpos, mas a fabricação de extensões, que culminaram no surgimento do “corpo pós-humano”, que representa, segundo as palavras de Santaella (2008, p. 192), “parte de um circuito integrado de informação e matéria que inclui componentes humanos e não humanos, tanto chips de silício quanto tecidos orgânicos, bits de informação e bits de carne e osso”.

Enquanto concepção pós-humanista, a fusão humana e tecnológica (HARAWAY, 2000) concretiza-se em um novo composto transversal, um novo tipo de unidade eco-filosófica, não muito diferente da relação simbiótica entre animal e o habitat planetário. Essas experiências que facilitaram a elaboração de um novo contexto para o sujeito pós-humano apoiam-se nas práxis, não nas doxas, e baseiam-se em estruturas relacionais neutras, desvinculadas das doutrinas do Humanismo, que interpretaram e guiaram a capacidade humana, biológica, racional e moral à luz do conceito de progresso racional, orientadas teleologicamente pelo modelo hegemônico de civilização. Nesse sentido, o dossiê proposto interroga: Como o corpo é

representado na literatura e nas artes? Para ensaiar uma tentativa de resposta, apresentamos um conjunto de quinze textos que abordam o corpo sob diferentes perspectivas.

Em “Produtos defeituosos: quando as bonecas ganham individualidade”, Cássia Farias, Juliana Radosavac F. Cerqueira, André Cabral de Almeida Cardoso analisam as relações humano/máquina nos contos “Dolly” (2011), de Elizabeth Bear, e “Mika Model” (2016), de Paolo Bacigalupi. O texto propõe a discussão de uma ética das relações, uma vez que as duas narrativas giram em torno de crimes cometidos por robôs sexuais contra os seus donos. Na tentativa de desvendar o caso, os detetives responsáveis têm de lidar com questionamentos sobre o que realmente significa ser “humano” e tentar definir se essas máquinas são apenas códigos e programação ou se podem ter desejos e uma consciência de si.

O texto de Conceição Flores, “Uma rosa no ventre: a menstruação na poesia de Maria Tereza Horta”, aborda o corpo na perspectiva de um tema que, ao longo do tempo, tem sido considerado tabu: a menstruação. Assim, analisa o livro *Rosa sangrenta*, de Maria Teresa Horta, e o modo como este busca desafiar práticas culturais de controle do corpo da mulher.

“Literatura decadentista e ilustração: do monstro em claro-escuro pesadelo ao Russo multicolor”, de Eloísa Braem, discute a obra *Portugal pequenino*, de Maria Angelina e Raul Brandão, que divide opiniões quanto à sua possível classificação como obra para crianças, a partir da personagem Russo e de suas transformações e de uma análise das ilustrações.

Em “Abjeção e sexualidade no romance *Fabián e o caos*”, Daniele Ribeiro Fortuna analisa a questão da abjeção, do sexo, do gênero e sua relação com o discurso. Para tanto percorre a relação do abjeto com o gênero, recorrendo a Julia Kristeva, Judith Butler e Michel Foucault, ao examinar a sexualidade das personagens, prisioneiras de uma relação de repulsa e atração, que se concretiza na fuga às normas dos discursos regulatórios.

Danuza Depes Portas, no texto “A imagem que se diz-dobra”, discute o papel constitutivo do corpo das imagens e imagens do corpo na dinâmica da imaginação teórica ocidental e as funções políticas dos agenciamentos memorialísticos de que se revela portador, valendo-se da obra do artista visual colombiano Oscar Muñoz como intercessor.

Em “Abjeção, deformidade e canibalismo em ‘As morféticas’ e ‘A mulher que comeu o amante’”, de Bernardo Élis”, Fabianna Simão Bellizzi Carneiro aborda narrativas de Bernardo Élis na perspectiva do “gótico sertanista”, partindo do pressuposto de que elas projetam uma nova ordem artística em que se imiscuem crítica social e ambientação regional. Demonstra, assim, que os elementos do gótico tradicional presentes nos textos simbolizam a própria

decadência de pessoas do meio rural, não absorvidas pelo sistema capitalista que já predominava no campo nas primeiras décadas do Século XX.

“Nos gases eu me formei: uma leitura sobre o corpo em Stela do Patrocínio”, de Idemburgo Pereira Frazão, Fabiana Bazílio Farias, apresenta uma análise da temática do corpo sob a perspectiva da loucura na obra de Stela do Patrocínio. A partir das discussões de Michel Foucault sobre o tema e do diálogo entre vida e obra da artista, os autores discutem as questões de gênero, etnia e classe social que reforçam a exclusão e a invisibilidades dos corpos no sistema psiquiátrico. O estudo dialoga com a imagem dos gases, recorrente no texto de Stela do Patrocínio, para pensar criticamente as instabilidades do corpo e as marcas geradas pelas experiências de violência.

Em “Representações do corpo na cultura pop: *In utero*, transformação, ruído e materialidade”, João Luiz Teixeira de Brito e Décio Torres Cruz discutem a representação do corpo na obra *In Utero* (1993), da banda de rock norte-americana Nirvana. Além das questões mais prementes na cultura pop da segunda metade do século XX, ligadas a discussões que contrapõe homem e máquina, buscam demonstrar que a obra do Nirvana também tem como vértice discursivo questões de representação ligadas ao corpo feminino numa projetada simbiose que o liga ao corpo do eu lírico.

Kátia Hallak Lombardi e João Barreto da Fonseca elegem o trabalho fotográfico de Viviane Sassen para analisar a temática do corpo em “Corpos performativos: sujeitos sem rostos”. Para tanto, examinam as fotografias dos corpos negros que compõem as séries *Flamboy* (2008) e *Parasomnia* (2011), que, no seu ponto de vista, propõem formas dissensuais de expressão que renovam as posições dos sujeitos, atuando, assim, como instrumento político.

Em “Corpo, arte e literatura. Da utopia futurista à condição pós-humana”, Maria Aparecida Rodrigues Fontes aborda as ideias e os elementos originais e centrais do futurismo, mais especificamente em seu viés ético-ideológico e estético, de modo a demonstrar que apontam para uma possível condição pós-humana.

“Uma poética do inumano: microesferas insulares”, de Maria Conceição Monteiro, consiste em uma análise do gênero de horror no cinema e na literatura, visando ao exame do corpo mecânico feminino como corpo-inumano. Para tanto, aborda produções de Bioy Casares e Tarkovski, em cujas ilhas, além da expressão do corpo como espaço de outra vida, mediante a imaginação, o corpo impossível e inumano é questionado.

Em “Linguagem e corpo, inumano e humano em a passagem tensa dos corpos”, Regina Coeli Machado e Silva, Diana Milena Heck analisam as relações entre linguagem e corpo em *A passagem tensa dos corpos*, de Carlos de Brito e Mello (2009), focalizando o papel do narrador como uma figura inumana na narrativa, que, ao nomear e relatar as mortes que testemunha, busca recompor o próprio corpo e deixar de ser linguagem e figura inumana. Para tanto, defendem o argumento de que o narrador ocupa uma posição ontológica ao dar lugar à linguagem como evento originário, mas, ao narrar as mortes, ao dizer, transcende-a para outro espaço que, na narrativa, é o de “ser” no mundo. O narrador é, ao mesmo tempo, linguagem, matéria e corpo.

Shirley de Souza Gomes Carreira, em “Corpos pós-humanos em cenários distópicos: uma leitura comparativa de Não me abandone jamais, de Kazuo Ishiguro, e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley”, parte do conceito de distopia para analisar comparativamente a representação do pós-humano nas obras de Ishiguro e Huxley, focalizando o processo de criação dos corpos pós-humanos, a questão ética que o envolve e os traços de humanização que, considerados como elementos de desestabilização social, acabam por ser obliterados.

“Corpo e gênero: desafios de uma análise pictórica em Francisco Brennand”, de Tainá Maívy da Silva Santiago e Natanael Duarte de Azevedo, propõe a análise do sincretismo entre os conceitos de gênero, imagem e representação. Para tanto, os autores refletem sobre a historiografia cultural, seus métodos e práticas, e o papel do historiador (a) por meio da análise da cultura visual, da categoria gênero, e de como suas representações perpassam o momento da escrita histórica, reproduzindo uma dialética que se expande para o cotidiano do tempo presente.

Em “Sexo e anormalidade: o corpo monstruoso em ‘O prisioneiro do sexo’, de Walter Hugo Khouri, 1979”, Tyrone Chaves, Nilton Milanez problematizam o corpo monstruoso do sujeito a partir de um viés discursivo, tendo como *corpus* a materialidade fílmica brasileira “O prisioneiro do sexo”, de Walter Hugo Khouri. A partir dos postulados foucaultianos de anormalidade e monstruosidade, presentes na obra “Os anormais”, discutem como o corpo do monstro funciona como um instrumento da norma, isto é, como uma ferramenta de controle que opera uma biopolítica para criar um estatuto de funcionamento disciplinar para os corpos e para a sexualidade.

Além do dossiê, o presente número da revista *e-escrita* contém uma seção de tema livre, composta de oito artigos. O primeiro deles, “Antonio Muñoz Molina e os dilemas da ficcionalização do real em *Sefarad*”, de Ana Paula de Souza, analisa as reflexões

metaficcionais do autor/narrador de *Sefarad*, com a finalidade de entender o papel do imaginário consciente do autor, não apenas na transformação do referente real em ficção, mas também na criação ficcional sempre pautada por referências reais.

Em “O horizonte de expectativas como ferramenta para desconstrução de personagens negros em Jorge de Lima”, Daniele Santos e Leandro Francisco de Paula analisam *Poemas Negros*, de Jorge de Lima, buscando desconstruir a perspectiva freyriana de que não há conflitos entre as diferentes etnias. Para tanto, apoiam-se nos pressupostos de Bordini e Aguiar (1993) e Zappone (2005).

Em “A teoria do sistema de Saussure e Jakobson e as línguas de fronteira no norte do Uruguai”, Emmanuelle Coutinho Ribeiro Bär e Veridiana Veleza Pereira tratam dos conceitos de língua propostos por dois teóricos da linguística moderna: Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson. Com base nesses conceitos, buscam refletir se as línguas de fronteira, praticadas nas fronteiras Brasil/Uruguai, possuem um sistema novo que não seja o mesmo do português falado no Rio Grande do Sul e do espanhol falado no Uruguai.

“O espaço do verso, o verso no espaço de Ferreira Gullar”, de Gisele Nunes Paz Vieira, Anna Paula Soares Lemos, Jurema Rosa Lopes e Idemburgo Frazão Felix, analisa como Ferreira Gullar soluciona a contradição entre a natureza temporal e linear do discurso verbal e a espacialização da linguagem na sua poesia concreta ao privilegiar a relação forma-conteúdo. Nesta relação, a palavra se traduz em imagem e se estrutura no espaço para garantir a máxima expressividade. Para isso, relacionam o espaço teatral com o espaço poético de Gullar e ilustram a discussão com os poemas publicados nos livros “A luta corporal” (1954) e “O formigueiro” (1991).

Em “A (in)scrição do eu: uma leitura de *deste viver aqui neste papel descripto: cartas da guerra e de memória de elefante*, de António Lobo Antunes”, Grazielle Maria Valim e Diana Navas refletem sobre a manifestação da escrita de si na produção de António Lobo Antunes, buscando demonstrar a aproximação entre o sujeito que figura em seu romance inicial, *Memória de Elefante* (1979), considerado pela crítica como autobiográfico, e o seu livro de cartas, *Deste viver aqui neste papel descripto: cartas da guerra* (2005). Tendo por ponto de partida reflexões de Foucault, Lejeune, Doubrovsky e Arfuch, que propõem conceitos como os de pacto autobiográfico, autoficção e espaço biográfico, as autoras constatarem que, nas obras antunianas, o autor faz uso de suas vivências autobiográficas, privadas, para, pelo viés da ficção, transmutar os fatos verídicos em uma poética ficcional, em uma história que tende a convidar o leitor a lê-la não apenas como uma ficção que remete a

uma verdade de natureza humana, mas também como um espectro capaz de revelar um indivíduo que pode ser a representação estética do autor.

Em “Literatura e ciberespaço: diálogos possíveis na contemporaneidade”, Juliana Gervason Defilippo e Rita de Cássia Florentino Barcellos analisam o romance *A condição indestrutível de ter sido*, da escritora gaúcha Helena Terra, de modo a compreender como a protagonista se apropria do espaço virtual na construção de sua relação amorosa. O foco do texto é o modo como o espaço virtual (ciberespaço) com suas variabilidades, dentro da estrutura narrativa da obra em questão, forja o comportamento dos personagens, afetando suas subjetividades e as maneiras como se relacionam.

“Sentidos do trabalho com crianças: análise de enunciados em ambiente virtual”, de Raíza Neves, Bruno Deusdará e Poliana Coeli Costa Arantes, analisa os sentidos atribuídos ao trabalho dos profissionais na educação infantil. Para tanto, partem da visão dialógica da linguagem de M. Bakhtin, segundo a qual todo texto produz sentido no diálogo que estabelece com outros textos, configurando relações de aliança ou oposição. São analisamos enunciados extraídos de um fórum de discussão virtual tematizando as instituições de educação infantil, por meio dos quais explicitam estratégias de apagamento e objetificação do trabalho dos profissionais.

Em “‘I will not serve’ - um retrato do artista quando interpretado por Karl Ove Knausgård”, Tarso do Amaral de Souza Cruz discute ideias expressas pelo romancista norueguês Karl Ove Knausgård sobre o fenômeno literário, mais precisamente sobre o que Knausgård chama de ‘a verdadeira essência da literatura’. Para tanto, toma como principais referenciais para os pontos de vista expressos pelo romancista o prefácio escrito por ele para a edição comemorativa de 100 de lançamento do romance *Um retrato do artista como jovem*, do romancista irlandês James Joyce, juntamente com trechos da obra *Minha luta*, de autoria do próprio Knausgård. Busca, assim, explicitar como a concepção de Knausgård acerca do fenômeno literário está calcada em questionáveis pressupostos basicamente essencialistas.

O conjunto de artigos que compõem o dossiê, acrescido dos textos da seção vária, constitui um valioso recorte das pesquisas atualmente em curso em universidades brasileiras e estrangeiras. Esperamos que a leitura deste número não apenas permita m vislumbre do estado da arte no âmbito dos estudos de Letras e Linguística, mas também seja fonte de consulta para estudantes e pesquisadores que se interessam pelos temas aqui propostos. Boa leitura!

As organizadoras.